



JOCÉLIO LEAL

CEARÁ: BOM EXEMPLO NÃO PREMIADO

A Lei Complementar 173, de 27 de maio passado, estabeleceu um conjunto de mecanismos de apoio financeiro, flexibilização da Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF) e contrapartidas para instituir o Programa Federativo de Enfrentamento à Covid-19, com medidas para estados, Distrito Federal e municípios. Em suma, a Lei tem três colunas: suspensão de pagamento de dívidas, reestruturação de operações de crédito e transferência de recursos por meio de auxílio financeiro.

Ao mesmo tempo, houve alterações na LRF, prevendo-se proibições e vedações voltadas ao controle das despesas obrigatórias, especialmente pessoal e encargos sociais. Não para sempre. Vai até o Réveillon do próximo ano. O Ministério da Economia mensura a ajuda em forma de transferência financeira direta e indireta em R\$ 243 bilhões.

O ex-secretário de Finanças de Fortaleza, Alexandre Cialdini, pesquisou. Neste

dito auxílio financeiro via LC 173/2020, mostra, o Nordeste teve a menor transferência per capita por região, R\$ 238,00. E o Ceará? O menor valor per capita dentre os estados brasileiros, R\$ 220,00. Sim, o menor. Noutros termos, a forma de repasse deu de ombros para os estados com bom comportamento fiscal. Aqueles que tiveram esforço fiscal próprio, foram exemplos no ajuste das contas públicas e empreenderam mecanismos de equilíbrio fiscal e financeiro, desde antes da edição da LRF, em maio de 2000. Pois é, o caso do Ceará.

Já se vão mais de 20 anos e o Ceará foi um dos poucos a não meter os pés pelas mãos e pelo caixa. Quando as vacas estavam gordas, fez uma monte de bobagens, é verdade - aquele aquário inconcluso é o símbolo maior. Mas não extrapolou o gasto de pessoal e, tampouco, adotou medidas para suspender o pagamento da dívida com a União, tal qual Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Goiás. Merecia mais consideração do governo Bolsonaro.

BLITZ AVISADA Ah se fosse

Até o final deste mês, a Agência Reguladora do Ceará (Arce) anuncia, comunica, brada, ecoa, divulga, propaga, alerta...que fará mais um ciclo de fiscalizações nos sistemas de abastecimento de água e esgotamento sanitário do Estado. Por conta da pandemia, o trabalho é feito a distância. A Arce pede documentações para inspecionar. Ao todo, 38 localidades. Fiscalização boa é aquela não avisada, né?

CIBERSEGURANÇA Embraer compra pernambucana

A Embraer assumiu o manche da pernambucana Tempest, uma das maiores do País em cibersegurança. Os valores não foram revelados. Quem conhece o setor, rastreia o mesmo movimento: todas as grandes empresas de segurança nacionais estão em busca de fortalecer as capacidades do mundo de defesa para o de segurança digital. Seguem os passos da Lockheed Martin (EUA), Rafael (Israel) e Thales (França). No Ceará, a propósito, fica uma das mais importantes do ramo no Brasil, a Morphus.

HIPERINFLAÇÃO? E o real completou 26 anos



Quem viveu lembra do ceticismo. Após uma sucessão de planos econômicos fracassados, invariavelmente com medidas de congelamento, era natural a desconfiança. Mas aquele plano de 1994 deu certo. E, a despeito de sobresaltos, o País não tem mais hiperinflação. Na quarta-feira que passou, dia 1º de julho, completou 26 anos. No início daquela década, a inflação era chamada de "dragão" e só facilitava a vida dos charginistas. O ápice da tragédia inflacionária foi 1993, aos 2.700%, segundo o IGP-DI (da FGV).

No rol de planos desastrosos - Cruzado (1986), Bresser (1987), Verão (1989) e Collor (1990) - tentativas dos governos Sarney (entre 1985-1990) e Collor (entre 1990-1992). Depois do Real, a inflação média dos governos posteriores não bateu os 13%.

HORIZONTAIS



Academia e pandemia - Ao tempo em que procuram reter clientes na pandemia, as academias buscam conexões. A rede Greenlife lançou um aplicativo com

mais de 80 treinos para todas as idades.

Loja - O Grupo Menu Brands, do mercado local de delivery, vai inaugurar loja de atendimento presencial

no shopping Red Mall, na Parangaba, quando entrar setembro. A empresa tem nove marcas. No menu, Soodeli e a Típico Brasil.

Após dois meses de queda, indústria cresce 7% em maio

| IBGE | Apesar do resultado, o crescimento foi insuficiente para reverter a queda de 26,3% acumulada nos meses de março e abril

CATALINA LEITE
catalina.leite@opovo.com.br

Frente a abril, a produção industrial brasileira avançou 7% em maio de 2020. O crescimento, no entanto, ainda é insuficiente para reverter a queda de 26,3% acumulada em março e abril. Com isso, o setor industrial atingiu o segundo patamar mais baixo desde o início da série histórica da Pesquisa Industrial Mensal, em 2002.

Os dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ontem, refletem os efeitos na economia das medidas de isolamento social da pandemia de Covid-19, essenciais para retardar o espalhamento do vírus. Em comparação com maio de 2019, por exemplo, a produção teve queda de 21,9%, o sétimo resultado negativo consecutivo e a segunda queda mais elevada desde o início da série histórica.

"O mês de maio já demonstra algum tipo de volta à produção, mas a expansão de 7%, apesar de ter sido a mais elevada desde junho de 2018 (12,9%), se deve, principalmente, a uma base de comparação muito bai-

xa", explica o gerente da pesquisa, André Macedo, em nota. Segundo ele, o total da indústria ainda se encontra 34,1% abaixo do nível recorde, alcançado em maio de 2011.

Na soma dos últimos 12 meses, a queda foi de 5,4%, a mais elevada desde dezembro de 2016 (-6,4%). No ano de 2020, a indústria já acumula recuo de 11,2% até maio.

Com algumas cidades já entrando nas fases de retomada da economia, o crescimento de maio ante abril alcançou as principais categorias econômicas. De acordo com o IBGE, dos 26 ramos pesquisados, 20 registraram crescimento. O avanço mais relevante foi do segmento de veículos automotores, reboques e carrocerias (244,4%).

O setor enfrentou dois meses seguidos de queda na produção e marcou a expansão mais acentuada desde o início da série histórica, mas ainda assim se encontra 72,8% abaixo do patamar de fevereiro de 2020.

Outros destaques na comparação com abril foram os segmentos de bebidas (65,6%), que eliminou parte da redução de 49,6% acumulada nos meses de março e abril de 2020; e o de coque, produtos derivados do petróleo e biocombustíveis (16,2%), que voltou a crescer após acumular perda de 20,0% em três meses con-

secutivos de taxas negativas.

Já os seis ramos com recuo na produção foram as indústrias extrativas (-5,6%), de celulose, papel e produtos de papel (-6,4%) e perfumaria, sabões, produtos de limpeza e de higiene pessoal (-6,0%).

Quando comparado com maio de 2019, no entanto, o crescimento vira queda. De lá para cá, o setor industrial recuou 21,9% em maio de 2020, com resultados negativos em 22 dos 26 ramos pesquisados. A razão está tanto nas medidas de isolamento social, quanto no fato de que maio deste ano teve apenas 20 dias úteis, dois a menos que em 2019.

A atividade de veículos automotores, reboques e carrocerias (-74,5%) foi a que exerceu a maior influência negativa na formação da média da indústria, analisa o IBGE. Ainda, outros equipamentos de transporte (-71,2%), confecção de artigos do vestuário e acessórios (-60,8%) e couro, artigos para viagem e calçados (-56,3%) foram os outros três que mais contribuíram negativamente nos dados.

Por outro lado, entre as quatro atividades que apontaram expansão na produção, as principais foram dos setores de produtos alimentícios (2,9%) e coque, produtos derivados do petróleo e biocombustíveis (1,6%).



AURÉLIO ALVES

COM ALGUMAS cidades já entrando nas retomadas econômicas, o crescimento de maio ante abril alcançou as principais categorias econômicas